

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 43, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: *Um olhar sobre Lourdes*, pelo rev.^{mo} Padre P. Moniquet; — *Carta do ex-Ministro Geral da Ordem dos Frades Menores*. — SECÇÃO CRITICA: *Lourdes em presença*, pelo ex.^{mo} sr.^e A. S. F.; — *Querite et occidite*, pelo rev.^{mo} sr.^e Padre Antonio Vaz de Proença Norte; — *A impiedade e a Sociedade*, pelo rev.^{mo} sr.^e Padre Mendes Rosa. — SECÇÃO HISTORICA: *Santo Eucherio*, pelo rev.^{mo} sr.^e Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; — *Bemfeita* (Descrição estatística), pelo ex.^{mo} sr.^e Albino S. D. C. — SECÇÃO LITTERARIA: *Retrato d'um philosopho das lumina: ius*; — *Os cabellos d'ouro*, pelo ex.^{mo} sr.^e J. P. Madeira; — *A ome e la renoua!!*... o lo ex.^{mo} sr.^e Arthur d'Olveira Carvalho e Conde. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Um propheta annuncia a Achab a derrota dos Syrios*; — *Santo André Avelino, confessor*. — SECÇÃO NECROLOGICA. — RETROSPECTO.

Gravuras: *Um propheta annuncia a Achab a derrota dos Syrios*; — *Santo André Avelino, confessor*.



UM PROPHETA ANNUNCIA A ADHAB A DERROTA DOS SYRIOS

SECCÃO DOCTRINAL

Um olhar sobre Lourdes

COM as ultimas solemnidades do mez do Rosario, Lourdes vae encerrar a serie brilhante das suas peregrinações de verão, e reentrar no periodo pacifico, mas não menos edificante, dos seus exercicios d'inverno. Já se pôde avaliar o progresso do anno que está a findar: 1897 foi, como os precedentes, um anno de movimento ascencional.

Lourdes foi sempre a cidade da oração e do milagre permanentes. Correm allí innumeraveis peregrinações de todas as partes do mundo: succedem-se sem interrupção peregrinações collectivas; a basilica, a igreja do Rosario e a Gruta nunca estão vazias; a piscina recebe constantemente doentes; o escriptorio das verificações não tem farias e attrae medicos de grande valor; o *Journal de Lourdes* declara que, só em julho e agosto, houve: 12:100 missas, 121:000 communhões, perto de 3:000 novas inscrições nas confrarias e archiconfraria do Santo Rosario e da Immaculada Conceição, e mais de 250:000 intenções recommendadas. O milagre attrahe a oração; a oração attrahe o milagre; e, pelas interessantes narrações do sr. Emilio Ruin, viu-se que o milagre não cede este anno aos annos precedentes, nem pelo numero, nem pela importancia.

Parece que a obra, que Deus quiz fundar no meio do seu povo, tomou raizes no coração de seus filhos, e que a esperança não deve cançar-se, porque a bondade e os dons também se não cançam.

O milagre não suprime a morte nem o soffrimento; mostra, porém, a misericordia. Morte e soffrimento são duas coisas muito santas, muito necessarias, mas que se não aprendem a supportar senão com o auxilio da misericordia, que mostra o milagre. Se a piscina de Lourdes apenas servisse para curar os corpos, Lourdes seria um logar assás vulgar, que não teria o poder d'atrahir as almas. Mas a cura do corpo passa atravez da cura da alma, para mostrar que ao crear o sanatorio de Lourdes, o que Deus quiz foi a resurreição das almas.

Não se pôde pôr em duvida que a grande misericordia de Deus sobre a França, tal como a manifestou em Lourdes, não seja um signal precursor de gravissimos acontecimentos; um signal de regresso ás leis christãs, presagio d'epopea para a grandeza nacional; ou um signal de novos aviltamentos, presagio de queda irremediavel.

Quando Jesus resuscitou Lazaro, morto ha quatro dias, quiz dar um grande golpe, capaz d'arrancar os Judeus ao seu endurecimento, á sua cegueira voluntaria. Resuscitou-o no seu corpo mortal, afim de que Lazaro vivesse no meio de seus irmãos, e que, vendo-o falar e operar como um d'elles, não podessem pôr em duvida o milagre da sua resurreição.

Curando instantaneamente em Lourdes numerosos doentes, reputados incuraveis, attestado eloquente, em todas as partes da França, do poder invisivel que os curou, testemunhos que todo o mundo pôde vêr e interrogar, Deus fez um acto tendente a tirar o seu povo da indifferença e da incredulidade. E' como o ultimo appello da bondade divina ao coração do filho que tanto amou.

Os Judeus obstinaram-se, empregam esforços para supprimir o testemunho que condemnava a sua obstinação. Não tendo querido reconhecer a intervenção do mestre da vida no milagre que tinha dado a um morto a vida temporal, como o reconheceriam no milagre que resuscitava um morto para a vida gloriosa! Repellem Jesus Christo resuscitado como tinham repellido Lazaro vivendo a propria vida d'elles. Setenta annos mais tarde Jerusalem era destruida e a nação culposa arruinada para sempre.

A historia tem lições que não deveriam ser perdidas. O coração do homem tem paixões que quasi nunca capitulam. A aproximação é muito sensivel entre o povo de Deus e a França, entre as bondades de Deus para com a nação ingrata e as suas bondades para com a nação prevaricadora, para não ser apercebida de todos. O' Nossa Senhora de Lourdes, bradae ainda mais aos nossos corações do que aos nossos ouvidos estas palavras ditas ao vosso povo deante de Bernadette: «Penitencia, penitencia, penitencia!» e os fructos da vossa amavel e doce aparição não serão perdidos.

Mas, já o disse, o spectaculo de Lourdes reaviva a esperança. Os homens que quizerem instruir-se nas verdadeiras escolas da politica, aprenderão mais n'uma hora em Lourdes do que em toda a legislatura do parlamento. Frequentemente esforçam-se em desfazer aqui o que se faz e se reforma allí. Para estes homens, fortes da sua razão porque teem no espirito armazenadas algumas formulas, o ideal d'uma boa sociedade deve sair e não pôde sair senão do seu cerebro. Consentem em falar do direito, mas sem pensarem em remontar á fonte do direito. D'ahi essa Babel d'onde os politicos melhor polidos propõem que se saia offerecendo cada um o seu specimen de sociedade.

A humanidade já tem fornecido sa-

sás typos para que seja rasoavel crêr que d'ora avante ella não fornecerá outra coisa senão variedade de typos conhecidos. Ora não ha typo algum que tenha feito melhor figura na historia do que o typo christão. Este é que se verá em breve florescer entre nós, se o espirito que se espalha sobre as multidões em Lourdes ganhar insensivelmente o povo, e se se impuzer áquelles que teem missão de governar. Este espirito transparece em signaes tão visiveis, mostra-se por vezes em manifestações tão tocantes, auxilia tão bem a pôr em relevo o sobrenatural de Lourdes, o facto divino mais extraordinario d'este seculo, que põe irresistivelmente nos labios das pessoas que sentem a sua acção gritos admirativos que o homem não tem occasião de pronunciar duas vezes em sua vida.

«Se se quizer saber o que seria uma sociedade onde o Evangelho fosse acatado e seguido, veja-se o spectaculo que o povo dá em Lourdes», exclamava o Bispo de Montpellier por occasião da peregrinação nacional. — «Em nenhuma epoca, em nenhum logar, desde as origens do Christianismo, se viu o que se vê em Lourdes», exclamava quasi ao mesmo tempo o sabio Arcebispo auxiliar de Toledo. — «Aqui tocasse o sobrenatural divino. Aqui vê-se reviverem os tempos evangelicos. Quem quer aprender a orar, venha a Lourdes». São estas as palavras que saem de todas as boccas.

Duas grandes chagas, oriundas do mesmo centro pestilencial, carcomem a sociedade n'este seculo: a incredulidade, fructo do materialismo; e o sobrenatural diabolico, exerescencia supersticiosa que apparece infallivelmente onde o materialismo desenvolve os seus efeitos. Quem não vê com que tocante bondade Deus nos revela o seu plano de misericordia e nos estende a escada de salvação no facto sobrenatural de Lourdes? As aparições da Santissima Virgem abatem o materialismo pela manifestação irrecusavel de um mundo invisivel, pela evidencição ineludivel de factos da ordem sobrenatural. Estas aparições, apostilladas por curas d'um caracter egualmente divino, arruinam o sobrenatural diabolico, demonstrando-lhe o contraste, a opposição radical d'um e d'outro, tanto na sua causa e no seu modo, como nos seus efeitos.

Se nos oppõem a obstinação dos incredulos e dos sectarios do culto diabolico em face das demonstrações de Lourdes, não nos causa admiração. Sabemos que existe um peccado contra o Espirito Santo que tem a sua fonte na malignidade voluntaria, *ex malitia certa*, a qual afasta propositadamente todos os meios pelos quaes a conscien-

cia podia ser esclarecida e o peccado evitado. Mas as recusas do impio não desculpam a sua falta; elles não supprimem as solicitações, as instancias que Deus reitera com bondade afim de o arrancar ao seu crime.

Um dos beneficios de Nossa Senhora de Lourdes será diminuir de dia para dia o numero d'aquelles que lhe recusam homenagem, e augmentar o numero e fervor dos que lhe dedicam amor e reconhecimento.

PADRE P. MONIQUET.

Carta do ex-Ministro Geral da Ordem dos Frades Menores

Fr. Luiz de Parma, da Ordem dos Frades Menores, Leitor Jubilado da Sagrada Theologia, ex-Ministro da provincia de Bolonha, consultor da Sagrada Congregação da Propaganda Fide nas causas do rito oriental e da sobredita Ordem, Ministro Geral e humilde servo do Senhor.

Aos veneraveis Padres e muito amados irmãos em Christo, ás Freiras e Irmãs da Ordem, paz e verdadeira consolação no Espirito Santo.

Já chegou ao vosso conhecimento, Veneraveis Padres e carissimas Irmãs em Christo, a noticia de que foi levada a cabo a grande obra da união das familias da Nossa Ordem, como Nós, com alegria, vos annunciamos. Pois hoje, celebrando nós a festividade do Nosso Seraphico Padre S. Francisco, sae á luz a notavel Bulla do Summo Pontifice Leão XIII, que começa *Felicitate quadam*, pela qual, depois de cuidadoso estudo, diligente exame dos Cardeaes da S. I. R. encarregados dos negocios dos Bispos e Regulares, depois de feitas instantes supplicas, depois de madura deliberação, determina, impulsionado por Deus, que a dita união se realice segundo o que é expresso na mesma Bulla, do modo que elle declara e decreta; de maneira tal que d'ora avante a Familia dos Franciscanos, supprimido qualquer outro sobrenome, se chame simplesmente ORDEM DE FRADES MENORES e os seus alumnos FRADES DA ORDEM DE MENORES, os quaes se rejam e governem pela Regra e por umas mesmas Constituições geraes, abolidas as especies; a quem mais e mais estreite o caminho da paz o mesmo espirito do Assisense, postas de parte as emulações humanas. Dêmos, pois, primeiramente graças a Deus Nosso Senhor, que, mediante a protecção do Nosso Seraphico Padre

S. Francisco, nos concedeu vêr este dia, disfructando grande contentamento; graças ao Vigario de Jesus Christo na terra, a quem Deus conceda muitissimos annos, o qual, inflammado d'amor para com os filhos de S. Francisco, tomou tão a peito a grande obra, metteu hombros a ella com incansavel inercia, e a levou a cabo felizmente na solemne Constituição, tendo exclamado no dia 10 d'este mez, deante do Em.^{mo} Cardeal Prefeito da Sagrada Congregação de Bispos e Regulares, deante da Nossa humilde pessoa, e do Veneravel Padre, que nos succederá no Generalato: «Deus quer esta união para bem de toda a Ordem, e Nós, impulsionados pelo proprio Deus, a decretamos e estabelecemos.»

Tambem talvez saibaes, que Nós, fatigado por innumeraveis cuidados e previstos trabalhos futuros, os quaes, perdidas quasi as forças corporaes, de nenhum modo podemos desempenhar, renunciámos por Nossa vontade e com summo gosto, nas mãos do Summo Pontifice, o supremo governo da Ordem, desde o dia 15 de janeiro do corrente anno; o que confirmamos n'estes ultimos dias, em 7 de setembro. Pois outro Ministro Geral mais sabio, mais forte e mais digno do que Nós, outro dotado das virtudes, de que Nós carecemos, fará grandes coisas para bem da Familia Franciscana, restabelecida, segundo os mandatos do Pontifice, á sua primitiva unidade. O Nosso successor, o Rev.^{mo} Padre Luiz Lauer, varão preclaro por sua conhecida virtude, por sua prudencia, caridade, doutrina e piedade, que já exerceu louvavelmente os cargos de Procurador e Definidor Geral, desempenhará, por certo, muito bem os Officios de Pae e Pastor, e ao mesmo tempo sobrepujará varonilmente a multidão de difficuldades inherentes ao exercicio de tão alto ministerio. E' isto o que, ao renunciar o ministerio, Nos enche de gozo e de consolação.

A Nós, pois, outra coisa não resta senão dar graças a Deus todo Poderoso, que, por sua Benignidade, sustentou a Nossa fraqueza em tantas angustias e tribulações durante os oito annos em que tivemos sobre os Nossos hombros o gravissimo cargo de Ministro Geral de toda a Ordem de Frades Menores, e pedir-lhe humildemente perdão de tantos erros commettidos, os quaes todos devem considerar mais como effectos da Nossa fragilidade do que de malicia. E assim como manifestamos a Nossa gratidão para com Deus misericordioso, assim tambem o fazemos para com os Conselheiros da Ordem, os Superiores das Provincias e dos Conventos e para com todos os que benevolamente Nos serviram d'auxilio,

ou exemplo, conselho ou consolação; e assim como esperamos alcançar de Deus o perdão de nossos peccados, do mesmo modo confiamos obtel-o d'aquelles a quem hajamos offendido. Francas tendes, ó carissimos, as portas do nosso coração; e sendo-nos Deus testemunha, bem alto dizemos que, sem acceção de pessoas, abraçamos no vinculo da paz e da caridade a todos quantos até ao presente estiverem sob a Nossa jurisdicção.

E aqui, terminando esta breve carta, vos recommendamos com empenho o obsequio, amor, reverencia e obediencia ao eleito Ministro Geral, que amanhã tomará o governo da Ordem. Recordem-se todos e ao pé da letra executem o que no primeiro capitulo da Regra se lê:... *alii Fratres teneantur Fratri Francisco et eius successoribus obedire*: Com a ajuda de Deus, Nós seremos o primeiro a cumprir o mandato de Nosso Seraphico Padre.

Entretanto auguramos para todos os nossos amados, Superiores e subditos, Padres e Irmãos, Freiras e Irmãs e fieis da Ordem Terceira todo o genero de felicidades, rogando a todos que dirijam fervorosas supplicas pela salvação e prosperidade *ad multos annos* do Summo Pontifice Leão XIII, o qual sempre e em todas as occasiões deu evidentes provas do seu affecto, amor e devoção para com a Familia Franciscana, e sobretudo no solemne acontecimento que annunciamos; pela paz e tranquillidade social, pelo nosso Supremo Gerarcha da Ordem, e tambem por Nós, que, cheio d'amor, vos damos a todos a seraphica benção em Nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo.

Aquella paz que supera todo o sentido inunde os vossos corações e as vossas intelligencias.

Dada em Roma em Santo Antonio, *Via Merulana*, no dia 4 d'outubro de 1897.

FR. LUIZ DE PARMA, Min. Geral.

Por mandato de S. P. Rev.^{ma}

FR. JOÃO M. SANTARELLI,

Secretario da Ordem.

SECÇÃO CRITICA

Lourdes em presença

NA GRUTA

5.^a Visita

SALVE! Maria, sempre virgem; tão só, d'este o golpe mortal nas heresias todas que n'este mundo enganador ainda existem.

Adoremos Deus, verificando na sublime virtude da humildade tão grandes encantos, e attractivos tão poderosos, que se deleita em olhar para os humildes, escolhendo para Mãe a Virgem mais humilde, mais pura, mortificada. Oh! que amor immenso, que se assim sacrifica! Mãe de meu Deus, attrahi-me todo a Deus sómente.

Sacrificio-Vos tudo voluntariamente pela estimabilissima graça do meu Deus santissimo. Vós só me bastaes; porque os homens apenas serão nossos *consoladores importunos*. Sois a confidente de Nosso Senhor, que só nos recompensa os males christãmente supportados, que tem palavras de vida eterna, o essencial a nossas almas. *Dic verbo*. Math. 8, 8. Luc. 7, 7. Manda, ó Deus, com Tua palavra,—doutrina, impera no Verbo humanado, e obterei o que pedir.

Deus, pelo excellente poder de Sua palavra, dá preceito ao mar e aos ventos. E até nós pela força do nosso dizer, com a maior clareza, dominadora do animo alheio arrebatamos o coração do nosso Deus e do nosso proximo em favor nosso. Deus, ó Deus, ama. O' amor de meu coração, ama, e diz e ao Verbo que tambem me ame. Ama, ó meu coração, ama. *Dic Verbo*, Deus, dicta, persuade a Deus-Verbo, e faze-me digno, faze-me puro, sana minha doença alma. *Sana, Domine, animam meam*. Dá-me, ó Deus, um coração novo, sincero. Senhor, dá-me remedio para minha enfermidade, *et sanabitur anima mea*. Assim estou quasi ainda vendo Leão XIII a dizer na missa, ha nove annos—*Domine, non sum dignus*, Senhor, eu não sou digno: dictae ao Verbo me faça digna minh'alma euferniça; e Jesus Christo a responder-Lhe, finalmente:... *qui autem me accipit, accipit eum, qui me misit* (Joan. 13, 20),... e o que me recebe a mim, recebe aquelle que me enviou.

Houve tempo de crença, feliz! em que se dizia bem aos que pediam benção: Deus te abençoe, e faça um santo; e que não traga dia, nem grande, nem pequeno de jejum. Eram tempos de benção esses tempos; hoje corremos inteiramente contrarios para se poder adorar a Deus em espirito e verdade. Vêde a graça e caridade com que uma benção é dada,—a graça da novidade! E' novidade para muitissima gente: hoje o jejum é uma sobriedade. Jejuem os nossos pés, jejuem as nossas mãos, jejuem os nossos corações. O melhor jejum é o não peccar. Satisfazer a vontade ao Papa que viver, é agradar a Deus que não morre.

Emfim, *mundi per abstinentiam... sanamus gloriam*, por abstinencia do mundo cantaremos a Deus gloria.

De um homem só tende muito dó.

Gente que não acredita em Deus nem em Santa Maria, como ha de crer em padres?

Ha gatinha no mundo que, ainda que vivesse d'aqui a mil annos, pregava a sua ferroada.

Maçonaria e pelintrice o mesmo é hoje por toda e qualquer parte; mas em Portugal, pelo menos.

Pedinchice a jorros é o que mais ha; o peor é o credito quando não ha credito: pois quando nos falta o credito falta-nos tudo. Achamos grande prazer em que nos comam, imaginando que alguma cousinha nós comeremos tambem...: fique-se por aqui em boa hora.

A. S. F.

Quaerite et invenietis

SEGUNDO a ordem natural das cousas, para encontrarmos o objecto desejado é preciso procural-o. Assim, para encontrarmos a estima do nosso semelhante, é preciso que, por certos meios, a procuremos.

E quantas vezes se procura uma cousa e não a encontramos?

E quantas vezes procuramos, pelo bom procedimento, que são os meios, a estima do nosso semelhante, e, em vez d'ella, deparamos com um ingrato que nos menospreza e escoucinha? Então, o procedimento d'esse individuo para conosco é uma excepção á regra—*quaerite et invenietis*.

O cão por mais feroz que seja, reconhece o seu dono, humilha-se perante elle e consente em ser vergastado; e fica, todavia, quieto, porque, se agora o maltratam, o culpado foi elle que deu a causa!

As caricias com que outr'ora foi tratado fazem-lhe esquecer as chicotadas d'agora, principalmente porque as mereceu!

Faz isto o animal domestico. Porque o não fará o homem que lhe é superior? Porque não será reconhecido o ente superior da criação para com o seu semelhante quando d'elle tenha recebido alguns beneficios?

Terá menos raciocinio que o cão para que não avalie o bem que se lhe fez, o mal que faz e as consequencias que d'ahi lhe podem resultar em seu prejuizo? Não, por certo.

O que faz com que muitas pessoas obrem e pensem d'um modo muito diferente d'aquelle que deviam pensar e obrar, é a maldita soberba e vaidade que dentro d'ellas se aloja. Consideram-se muito superiores a tudo e a todos. Enganam-se. Podem, ás vezes, ser superiores em merecimento e fortuna;

mas isto tem um certo termo. Em merecimentos, principalmente aquelle que não tem em conta os beneficios e favores que se lhe fazem, não podem dizer-se superiores aos outros, antes pelo contrario, se, além de não reconhecer os favores e beneficios, se volta contra o seu bemfeitor, não receio afirmar que é inferior ao cão em sentimentos.

A fortuna tambem em nada faz o homem superior ao seu semelhante; porque não é mais rico o que mais tem, senão o que menos deseja; e além d'isso disse-me, caros leitores, o que vale a riqueza sem a virtude?

Deveis saber que, em geral, o homem poderoso é um poço d'orgulho e soberba; e com taes qualidades, que vicios deixará d'albergar no peito?

Nenhum. Que virtude poderá ter dentro em seu coração? Nenhuma.

A' vista d'isto, vêde se algum poderá, com direito, olhar o seu semelhante com indiferença e até mordel-o, se pode, (permitta-se-me a expressão) quando é certo que a todos devemos tratar com amor e carinho, e muito principalmente aquelle de quem tenhamos recebido beneficios.

Infelizmente vê-se muita gente a morder nas mãos do bemfeitor.

E' talvez porque não sabem interpretar a lei de Deus ou então ignoram-n'a por completo! Sendo assim, quanto são dignos da nossa compaixão!

Podemos bem repetir-lhes as palavras de Christo: *Pater, demitte illis, quia nesciunt quid faciunt*.

PADRE ANTONIO VAZ DE PROENÇA NORTE.

A impiedade e a Sociedade

(Ao habil charadista A. F. Souza Ribeiro)

A IMPIEDADE é a causa da decadencia da sociedade.

Quando esta se orienta pelos seus dogmas absurdos e paradoxaes, vê-se claramente entibiar-se e acercar-se do precipicio que constitue a sua total ruína — a barbarie.

Despadaçados os vinculos sagrados que a religião do Christo solidifica; proscriptos os preceitos que a Moral impõe; isolada a razão da Revelação divina que a illumina na noite caliginosa da vida e reduzido Christo a uma simples personalidade humana, empresas estas que a impiedade tomou a peito, a sociedade ha de fatalmente desconjuntar-se e cahir miseravel na voragem da anarchia e por consequencia na barbarie, recuando por esse facto milhares de seculos na historia da civilisação.

Mas, não obstante o vulto gigantesco e bem visível do mal que ameaça; não obstante ser horroroso como a morte, terrível como a fera e minaz como a torre cuja base se acha ruída pelo dente duro do tempo, e ostentar-se no fundo carregado do horisonte empunhando a espada da destruição, grande parte da humanidade em vez de o evitar, como lhe cumpria, ou então couraçada com as armas da fé e da graça caminhar para elle com passo firme e de frente erguida e lançal-o nas regiões do nada, permittam-me o absurdo, curva-se, pelo contrario, e offerece cobardemente o pescoço ao cutello fatal do monstro.

São perversoras e deprimentes da dignidade humana as doutrinas da impiedade; indivisíveis e horrorosos os seus effeitos.

Envergando o manto seductor do erro que ella chama sciencia, proclama, alto e bom som, á sociedade que o homem descende do macaco e que não teve, como dizem os *retrogradados e obscurantistas*, por auctor o Creador de todas as coisas; que «a sciencia aposentou o Pae da natureza, e o acompanhou á fronteira, agradecendo-lhe os seus provisórios serviços» e outras sandices de igual jaez que são vomitadas por ella e seus sequazes, escravos servís e sem dignidade que, assim como ella, ignoram ou fingem ignorar que o macaco, mono, chimpanzé, gorilla ou como lhe quizerem chamar, onde não scintilla a luz da razão, reflexo divino da Intelligencia infinita, não pode nem pode produzir o homem feito á imagem e semelhança da Trindade augusta, visto que o menos não pode dar o mais — *nemo dat quod non habet* — como nos ensina a verdadeira e sã philosophia, a verdadeira e sã logica; e a sciencia longe de aposentar o Pae da natureza e de o inscrever no catalogo dos entes mythologicos e imaginarios, vem reforçar os argumentos antigos que provam á evidencia a existencia real e incontestavel de Deus e da sua divina Providencia sobre a marcha das coisas creadas.

E', effectivamente, extinguir a crença em Deus, negar a Christo a natureza divina e tirar á Moral christã, que vem arrancar a humanidade ás garras aduncas da barbaria, o cunho da divindade para a poderem modificar a sabor das suas paixões.

E que maior desgraça pode vir á sociedade do que esquivar-se ao jugo suave de Deus, a quem a razão e a fé ordenam que preste obediencia como auctor de seus dias?

Acontecer-lhe-ia o mesmo que á nau sem piloto que, depois de vogar por algum tempo no meio das ondas, acabaria de naufragar ou despedaçar-se de

encontro a algum rochedo por não ter quem a desviasse e lhe dirigisse o leme.

Que deverá então fazer a sociedade para afugentar tão grande perigo?

Deve fechar os ouvidos ás palavras estrondosas mas ôcas dos incendiarios e petroleiros; d'esses homens sem character, escravos servís da *moda* que se deixaram arrastar pelo espirito do seculo, pondo de parte as tradições religiosas, essas *velharias*, como lhe chamam, que beberam com o leite de suas mães, que geladas pelo frio da morte debaixo das campas sepulchraes, estão talvez chorando a degeneração lastimavel de seus filhos; d'esses mestres de sciencia muda, como lhe chama o mavioso João de Deus, esses sabujos do monismo, materialismo etc., espiritos superficiaes que se contentam só com a apparencia das coisas sem curarem profunda-as, espiritos eivados pela má fé que deturpam systematicamente, miseraveis! a verdade, espiritos temerarios e inimigos da verdadeira sciencia e mesmo da sociedade, que sem devassarem os escaninhos das coisas, formam a maior parte das vezes opiniões falsas e erroneas que pretendem impôr á sociedade como verdades provadas; deve, repito, cerrar os ouvidos ás declamações anti-scientificas d'esses intrujões mais dignos de lastima do que de odio, e seguir só os obreiros do Senhor, os ministros de Christo, os continuadores da ingente obra da Redempção para que possa atravessar a sua curta peregrinação sem as aguilhoadas lancinantes da consciencia e possa na existencia d'além tumulo entoar hymnos ao Senhor na companhia dos anjos e dos Santos.

PADRE MENDES ROSA.

SECÇÃO HISTORICA

Santo Eucherio

BISPO DE LYON

(16 de novembro)

NALLECEU Santo Eucherio, Bispo de Lyon (França), a 16 de novembro de 454. Foi um dos Prelados mais santos e doutos da primeira metade do seculo v. Governou a sua diocese por espaço de vinte annos.

Eis o que d'elle diz o *Martyrologio romano*:

«Em Lyon, o natal de Santo Eucherio, Bispo e Confessor, varão de admiravel fé e doutrina, que, sendo oriundo da nobilissima ordem dos senadores, se converteu á vida e habito religioso; por muito tempo viveu encer-

rado espontaneamente dentro d'uma caverna, onde serviu a Christo em oração e mortificações; depois foi collocado na cadeira episcopal da dita cidade, sollemnemente, em consequencia da revelação d'um anjo.»

Até aqui textualmente o *Martyrologio*; e não era preciso accrescentar mais coisa alguma.

Mas accentuemos bem quem foi Santo Eucherio. E, antes de tudo, notemos que a Igreja chama *dia natalicio* ao da morte dos santos, pois foi então que elles *nasceram* para a gloria eterna.

Notemos tambem que elle floresceu no primeiro e segundo quartel do seculo v, quando a Igreja Catholica se achava florente e tranquilla. Em breve vieram perturbar-a algumas heresias, sendo as principaes a de Pelagio, a de Nestorio e a de Eutyches.

O seculo v produziu grandes homens, valentes atletas da fé, apologistas da religião, eminentes em doutrina e santidade. Entre outros devemos mencionar S. João Chrysostomo, S. Jeronymo, Santo Agostinho, S. Paulino de Nola, Paulo Orosio, Cassiano, S. Pedro Chrysologo, S. Cyrillo de Alexandria e outros muitos: foi o seculo dos santos doutores da Igreja.

Apesar d'isto, geralmente ou quasi geralmente, os historiadores começam a contar desde este seculo o tempo da idade media, a que chamam tempo de trevas, de obscurantismo, de ignorancia, e outros nomes muito feios.

Nós bem sabemos que é necessario dar um grande desconto a esta apreciação da idade media. E effectivamente ha muitos historiadores que não estão pelos autos.

Seja como fôr, Santo Eucherio, Bispo de Lyon, geralmente pouco conhecido e considerado, é um dos homens mais notaveis d'este seculo, quer como Prelado, ou como sabio, ou como eloquente, ou como escriptor e doutor catholico, e até como perfeito latinista.

Ora um homem d'este tomo não será digno de figurar na primeira pagina da historia, n'essa pleiade de valentes atletas da fé christã?

E tambem Santo Eucherio é um dos mais insignes Prelados de Lyon, entre tantos que illustraram aquella respeitavel archidiocese.

A doçura de linguagem, a facilidade de estylo, a belleza dos periodos, a nobreza dos pensamentos, a energia da expressão, a vivacidade e naturalidade das imagens, a clareza do methodo... são qualidades que se notam e admiram nas obras d'este Prelado.

Bergier diz tudo em poucas palavras: «Santo Eucherio foi tão respeitavel por seus talentos como por suas virtudes.»

Ha d'elle um tratado, em latim, que

se diria escripto no seculo de Augusto, pois era digno da idade de ouro.

Não sei, pois, a razão porque os auctores de litteratura classica nem sequer fazem menção de Santo Eucherio! Talvez porque viveu no tempo da decadencia das lettras!.. Mas, em rigor, a eloquencia não tem seculo.

Vamos adeante.

Eucherio primeiramente foi casado; sua esposa chamava-se Galla. D'este matrimonio teve dois filhos, Salonio e Verano, que o pae fez educar no mosteiro de Serins. Foram depois promovidos a Bispos, o primeiro em Genebra (e não Genova, como dizem alguns) e o segundo em Vence, ain la em vida de seu pae.

Com o consentimento de sua esposa, Eucherio deixou o mundo e retirou-se ao dito mosteiro de Serins, que então era e continuou a ser um viveiro de santos.

Galla, sua esposa, tambem abraçou a vida monastica.

Antes de tomar a resolução de entrar no claustro, Eucherio distribuiu os seus bens pelos pobres, dando uma parte a suas filhas que não quizeram seguil-o no seu retiro.

Passado algum tempo, deixou o mosteiro de Serins, onde suas virtudes alcançaram applausos, e passou á ilha de Sero (hoje chamada Santa Margarida). D'alli foi chamado, contra sua vontade, ao bispado de Lyon, no anno de 434.

Em 441 assistiu ao primeiro concilio de Orange, onde se assignalou a sua sciencia e a sua sabedoria.

N'este concilio, que não foi ecumenico, tratou-se de muitas coisas pertencentes ao direito ecclesiastico, e affirmou-se contra os hereses a disciplina da Igreja.

Um escriptor do seu tempo diz o seguinte:

«Viu-se em Orange um pastor fiel, humilde, rico em boas obras, poderoso em palavras, consummado em todo o genero de sciencias, muito superior aos maiores bispos do seu tempo.»

Nada mais é necessario dizer-se.

Falleceu, como já fica dito, a 16 de novembro de 454.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Bemfeita

Descrição estatística

(Continuado de pag. 227)

1883 Janeiro 7. Discurso na nova igreja da Louzã (Idem pag. 39.)

1883 Janeiro 27. Indulto quaresmal concedendo o uso de ovos, leite, queijo e lacticinios na quaresma (Idem pag. 73.)

1883 Fevereiro 20. Carta de felici-

tação a Sua Santidade Leão XIII (Idem pag. 147.)

1883 Março 3. Creação dos Arcy-prestados d'Aveiro e Leiria (Idem pag. 148.)

1883 Março 13. Sobre a philoxera nas vinhas (Idem pag. 186.)

1883 Novembro 23. Sobre a visita episcopal ás egrejas de Leiria (Idem pag. 238.)

1883 Novembro 30. Devoção ao Santissimo Rosario (Idem 2.^a serie pag. 295.)

1883 Dezembro 1. Sobre a distribuição das esmolos da Bulla da Santa Cruzada (Idem 2.^o 1.^a parte pag. 1.)

1883 Dezembro 13. Louvores ao Parocho e parochianos da Granja de Ulmeiro (Idem pag. 2.)

1883 Dezembro 18. Louvores ao Parocho e parochianos da freguezia de Outil (Idem pag. 2.)

1884 Fevereiro 13. Orações depois da missa resada (Idem pag. 139.)

1884 Fevereiro 13. Recitação do Terço nos dias festivos (Idem pag. 140.)

1884 Fevereiro 20. Anniversario da exaltação de Leão XIII (Idem pag. 170.)

1884 Março 21. Sobre os donativos da Bulla da Santa Cruzada (Idem pag. 271.)

1884 Maio 25. Discurso na Academia de S. Thomaz de Aquino (Idem pag. 357.)

1884 Junho 9. Louvores ao Parocho e Junta de Parochia da freguezia de Vacariça (Idem 2.^o 2.^a serie pag. 413.)

1884 Julho 8. Officio ao Ex.^{mo} Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça participando-lhe a celebração da Academia de S. Thomaz d'Aquino (Idem pag. 196.)

1884 Setembro 22. Louvores ao Parocho e freguezes de Frinmes (Idem pag. 257.)

1884 Setembro 22. Louvores ao Parocho e fieis da freguezia de Tentugal (Idem pag. 258.)

1884 Outubro 18. Louvores ao Parocho e Santissimo do Beco (Idem pag. 258.)

1884 Outubro 13. Carta ao Santo Padre Leão XIII (Idem pag. 289.)

1884 Outubro 26. Sobre os direitos parochiaes (Idem pag. 290.)

1884 Novembro 29. Carta ao Ex.^{mo} Nuncio Apostolico em Lisboa (Idem.)

1885 Janeiro 7. Questão do funeral do Reitor da Universidade de Coimbra (Idem pag. 36.)

1885 Janeiro 21. Sobre a distribuição das esmolos do cofre da Bulla da Santa Cruzada (Idem pag. 101.)

1885 Janeiro 28. Indulto quaresmal que concede o uso de ovos, leite, queijo, etc. (Idem pag. 149.)

1885 Março 7. Subsidio ou esmola da Bulla para as freguezias pobres (Idem pag. 177.)

1885 Julho 7. Sobre o jornal *A Ordem* (Idem 2.^a serie pag. 37.)

1885 Julho 13. Louvor ao Parocho e Junta de Parochia da freguezia de Marinha Grande (Idem pag. 39.)

1885 Julho 13. Louvores ao Parocho e parochianos de Taboa (Idem pag. 70.)

1885 Julho 10. Louvores ao Parocho da freguezia de Areias (Idem pag. 70.)

1885 Julho 18. Louvores ao Parocho da freguezia de Santo André de Poiars (Idem pag. 70.)

1885 Setembro 26. Sobre o Santissimo Rosario (Idem pag. 195.)

1885 Novembro 28. Sobre a Encyclica *Immortale Dei* (Idem 4.^o 1.^a pag. 11.)

1885 Dezembro 26. Felicitação ao Em.^{mo} Cardeal Jacobini (Idem pag. 45.)

1885 Novembro 30. Castigo a um Parocho.

1886 Janeiro 23. Sobre a ida *ad sacra limina* (Idem pag. 109.)

1886 Fevereiro 26. Indulto quaresmal, que concede o uso dos ovos, queijo, leite, etc.

1886 Março 3. Jubileu Universal (Idem pag. 163.)

1886 Abril 25. Sobre a epidemia da variola (Idem pag. 353.)

1886 Abril 19. Louvores ao Parocho e Junta de Parochia da freguezia de Oliveira do Bairro (Idem 2.^a pag. 5.)

1886 Julho 14. Nomeação do Vice-Reitor para o Seminario de Leiria (Idem pag. 33.)

1886 Julho 30. Nomeação do Promotor do Juizo Ecclesiastico da Diocese de Coimbra (Idem pag. 104.)

1886 Agosto 20. Orações depois da missa resada (Idem pag. 136.)

1885 Setembro 18. Exercicios espirituales (Idem pag. 196.)

1886 Outubro 27. Remissão do serviço militar (Idem pag. 267.)

(Continua.)

ALBINO S. D. C.

SECÇÃO LITTERARIA

RETRATO D'UM PHILOSOPHO DAS LUMINARIAS

Um *sabio* das duzias, alorçado,
Escutava um relato milagroso;
O facto era evidente, luminoso,
E em todos os detalhes bem provado.
Depois do narrador ter terminado,
Disse elle, sab chão e mui dengoso:
— «Isso é facto improvable, escandaloso,
Pelos Padres e Freiras inventado..»
— «E's um asno, lhe disse o narrador,
A verdade não se entra no touciço!»
E o *sabio* diz, n'um tom chasqueador:
«— Não me illedes!.. Não creio, não creio n'isso!»



SANTO ANDRÉ AVELINO, CONFESSOR

Os cabellos d'ouro

(A M. A. R.)

A FORMOSA Claudia, a filha do rei, tinha os cabellos doirados.

No seu paiz (um paiz que os meus leitores ainda não visitaram) era costume e rito religioso, ao qual ninguem podia esquivar-se sob pena de castigo dos deuses, que toda a donzella, ao contrair matrimonio, fizesse a seu marido, no acto da religiosa cerimonia, presente de seus cabellos, considerado como symbolo de todas as graças e encantos da mulher, cortados pela mão d'aquelle.

A formosa princeza estava tão orgulhosa e enamorada dos seus, que jurou não casar-se, para não ter de desprender-se do seu thesouro.

Apresentaram-se-lhe varios pretendentes. Um principe de um paiz visinho, joven, e formoso como o sol, mostrou a Claudia a sua paixão, desfazendo-se em lagrimas e suspiros. Porém ella respondeu:

—Muito me agradaria ser a esposa de tão galhardo mancebo, mas prefiro a posse dos meus cabellos doirados.

Seguiu-se-lhe um valente guerreiro, que saíra victorioso de sem combates, o qual offereceu á bella Claudia a conquista de um imperio.

—Não é de desaprociar, disse ella, a arrogancia e bizzarria d'este pretendente, todavia os meus cabellos d'ouro têm a meus olhos mais valor.

Após este chegou um famoso sabio, que cantou em versos sublimes a formosura da princeza, fez para seu regalo e prazer com maravilhosas invenções, e dotou o reino da joven, dandolhe o nome d'ella na legislação mais sabia e justa, que até então povo algum tinha possuido.

—Grande bem, exclamou a desdenhosa, seria o possuir sempre o amor de um homem de tão elevado merito, mas não posso compral-o com o elevado preço da minha rica cabelleira.

A sua mãe, que lhe perguntava in-

cessantemente a causa dos seus desdens para com homens de tanto valor, lhe respondia:

—Não é a mim que elles amam; só os attrahe o ouro dos meus cabellos.

Então se apresentou um velho veneravel, de aspecto augusto, solicitando a mão e cabelleira da princeza.

Claudia riu-se de tamanha pretensão na presença do velho, que lhe disse com suave e solemne assento:

—Joven ativa, é inutil que mofes e me negues a tua mão como aos pretendentes anteriores, pois eu possuirei o ouro dos teus cabellos. Cada noite, enquanto te entregares ao descanso e aos deleitosos sonhos da tua vaidade e soberba, chegarei até á beira do teu leito, e arrancarei um da tua cabeça.

A princeza continuou a rir-se e mandou sair da sua presença o velho louco.

Talvez para castigar o seu orgulho, os deuses enviaram á princeza uma enfermidade que a privou da vista. Apesar d'isso não diminuiu a sua presun-

ção, e como o avarento que se deleita enterrando as mãos no montão das suas riquezas, Claudia se entretinha passando o marfim dos seus delicados dedos pelos abundantes fios da sua cabelleira incomparavel.

Todavia, não obstante o seu defeito, novos pretendentes continuaram a acudir, loucamente enamorados das graças da donzella. Passado algum tempo, esta notou que ia diminuindo o numero d'aquelles, até que chegou um dia em que cessaram por completo.

O ultimo que se apresentou (passavam-se já muitos annos, depois da cegueira de Claudia) disse-lhe:

— Os deuses, compadecidos da tua desgraça, e crendo que terá desaparecido do teu coração a soberba que te tornou digna de castigo, querem por minha intervenção, devolver-te a vista.

E tocando nos olhos da princeza, esta sentiu novamente em suas pupillas as ineffaveis caricias da luz. Conheceu quem era o velho que tinha na sua presença, e que lhe devolvera tão estimavel bem,—o mesmo que arrojara por louco, da sua presença, annos antes. N'uma das mãos tinha um espelho e na outra uma bandeja cheia de um pó finissimo doirado. Sem dizer palavra, entregou o espelho a Claudia.

Esta lançou o espelho ao chão e soltou um grito terrivel. Todo o oiro dos seus cabellos tinha desaparecido.

O velho cumpriu a sua palavra.

Mostrando-lhe então a bandeja, disse elle:

— Eis aqui o oiro da tua cabelleira. Se tivesses accedido o amor de algum dos teus pretendentes, este oiro teria servido para ornar as cabeças de teus filhos; porém, como o não fizeste, o seu valor e merecimento são nullos.

E soprando sobre o pó, este se espraçou formando no ar uma tenue nuvensinha que se desvaneceu pouco a pouco.

Clandia inclinou a cabeça e chorou amargamente, e quando levantou os olhos, lacrimosos ainda, o mysterioso velho tinha desaparecido.

J. P. MINEIRO.

A viuva lacrimosa!!..

Quão doloroso e cruciante é o estado da viuva! Quão pesada e torturante é a vida que vai arrostando!

Emquanto teve a felicidade de possuir o marido que estimava, respeitava e ao mesmo tempo idolatrava, vivia alegre, rischua, quasi despreocupada, tendo como unico cuidado o labor domestico, o acariciar com os seus ma-

ternos osculos os tenros filhinhos, luz dos seus olhos, fructo do seu ventre.

Como viviam felizes!

Mas que tempo durou essa felicidade, que ella julgava infinda? Pouco; porque a meta da sua estrada de rosas estava proxima, e eis que a morte... a inevitavel morte lhe arrebatou o ente querido e que mais estremecia?! E' que a felicidade n'este mundo é ephemera, dura um momento.

Desde aquelle triste instante que viu desaparecer o marido exemplar, ella immediatamente tira as joias, despe os alegres vestuarios, e troca-os por um manto preto; o coração comprimido pela dôr cobre-se de lucto; as maguas, lamentos e tristezas que lhe vão na alma, são traduzidas pelas lagrimas que deslizam na livida face e que vão lavar os delicados e ternos orphãosinhos, que ainda não sentiram a perda d'aquelle que lhes deu a existencia!

Pobres creancinhas! Infeliz e desconsolada viuva!

.....

São passados dois mezes, mas dois mezes de lucto, de magua e de pranto; e ainda hoje quando ouve cantar ao Padre o *memento*, dirige-se ao campo dos mortos, lacrimosamente, tacidamente e devotamente a pedir a Deus, ao Deus magnanimo e misericordioso, pela alma d'aquelle que foi marido exemplar, paes extremoso, e prestimoso cidadão.

ARTHUR D'OLIVEIRA CARVALHO E CONDE.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

GNR. Antonio Dourado, bem conhecido editor catholico portuense, acaba de lançar no mercado mais um livro precioso. Intitula-se *Novena do Espirito Santo*, e é auctor d'elle o festejado escriptor catholico e consciencioso professor de ensino livre, o rev.^{mo} snr. Padre Manuel Marinho.

Opportunissima é esta publicação. Leão XIII, em dois documentos que os leitores do *Progresso Catholico* conhecem, empenhou-se em despertar nos fieis a devoção para com o Espirito Santo, impondo aos parochos, na Encyclica de 9 de maio do corrente anno, a obrigação de fazerem uma novena antes da festa do Pentecostes. As palavras do venerando Pontifice são as seguintes: «*Decretamos portanto e ordenamos que em todo o mundo catholico, n'este anno e em todos os seguintes, se faça uma novena antes do Pentecostes, em todas as egrejas parochiaes, e, se o Ordinario o julgar util, nas outras egrejas e sanctuarios*».

Não conhecemos devocionario al-

gnm por onde se podesse fazer esta novena. Os antigos, que se publicaram, estavam exgotados, e hoje pouca gente os possuia.

O livro, pois, que o rev.^{mo} snr. Padre Manuel Marinho acaba de escrever, vem preencher uma lacuna, que, depois da Encyclica do Papa, se tornava mister preencher, para se dar cumprimento ás ordens do Soberano Pontifice.

Do que vale a novena, nada diremos, porque quem conhece os escriptos do snr. Padre Marinho, sabe que sua rev.^{ma} é não só muito seguro em doutrina, mas tem um estylo que allia a clareza á amenidade.

A *Novena do Espirito Santo* é approvada e indulgenciada por Sua Eminencia o Snr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto.

Custa apenas 100 reis em brochura e 150 encadernada.

E' um livro precioso, e, além d'isso, indispensavel aos parochos e ás familias catholicas.

— O mesmo editor catholico, snr. Antonio Dourado, continúa a publicar com a maxima regularidade o *Catecismo de Perseverança*, do Padre Gaume. Esta edição, que é cotejada com a ultima franceza, é muito mais augmentada. Assumptos ha que são muito mais desenvolvidos e portanto melhor escla-recidos. A revisão, feita por um distincto e erudito professor do Seminario do Porto, (o rev.^{mo} snr. dr. Joaquim Luiz d'Assumpção) é escriptura.

Sabemos que o seu editor está todos os dias recebendo novas assignaturas para o *Catecismo*. E' caso para lhe darmos os parabens, e tambem aos seus assignantes, porque reconhecem d'este modo o valor da obra. Como já temos dito, cada caderneta, que se distribue quinzenalmente, custa 100 reis. O pagamento para a primeira é feito de cinco em cinco cadernetas, encarregando-se o benemerito editor de fazer a cobrança por intermedio do correio. Além dos senhores assignantes poderem fazer o pagamento em pequenas parcelas, a cobrança pelo correio poupa-lhes trabalho.

Continue o snr. Antonio Dourado a dar-nos livros tão preciosos como o *Catecismo de Perseverança* que a protecção do publico catholico não lhe faltará. E bom é que, nos tempos calamitosos que vão correndo, em que o publico quasi geralmente se entrega a leituras frivolas, que envenenam e pervertem a alma, haja quem propague boas obras, que ajudem a espalhar a semente do bem.

*

Da administração do *Novo Mensageiro do Coração de Je us* recebemos o seguinte:

Vida de S. João Berchmans, da Companhia de Jesus, escripta pelo Padre José Boero, traducção do italiano, com licença da auctoridade ecclesiastica. Preço, brochado, 80 reis; enc. 160.

Vida de S. Pedro Claver, da Companhia de Jesus, apostolo dos negros, escripta pelo Padre Joaquim A. C. da Natividade, com licença da auctoridade ecclesiastica. Brochado, 100 reis; enc. 200 reis.

Vida de Santo Affonso Rodrigues, coadjutor temporal da Companhia de Jesus, escripta pelo Padre Domingos Pereira d'Albuquerque, com licença da auctoridade ecclesiastica. Brochado, 100 reis; enc. 200 reis.

Vidas dos Santos Pedro Claver, João Berchmans e Affonso Rodrigues, da Companhia de Jesus, canonisados pelo Santo Padre Leão XIII no dia 15 de janeiro de 1888, com licença da auctoridade ecclesiastica. Brochado, 250; enc. 400 reis.

Manual dos zeladores e dos associados do Coração de Jesus; encadernação simples, 150 reis; encadernação mais elegante, 200 e 250 reis.

Cruzes medalhas do Apostolado, em bom metal amarello, 80 reis. (Quem pedir 10, recebe 11.)

Escapularios do Coração de Jesus, verdadeira insignia dos associados do Apostolado, cada cento (a quem pedir mil dá se mais com gratis) 450.

Diplomas de aggregação ao Apostolado. Preço, 500 reis; diplomas de director local, 100 reis.

Patentes de admissão ao Apostolado da Oração, que substituem as antigas folhas do Rosario.

As vidas dos santos, que acima se annunciam, já são conhecidas. E' um encanto lê-las. Demais, duas d'ellas são escriptas por Padres portuguezes, irmãos em religião dos santos, Padres muito conhecidos e estimados n'esta cidade do Porto, onde deixaram saudosas recordações.

Recommendamos a aquisição d'elles.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Um propheta annuncia a Achab a derrota dos Syrios

(Vid. pag. 259)

BENADAB, rei da Syria, tinha reunido todo o seu exercito, a sua cavallaria e os seus carros, e veio com trinta e dois reis, seus alliados, pôr cerco a Samaria. Mandou tambem embaixadores a Achab que lhe dissessem da sua parte: «A tua prata e o teu ouro pertencem-me; as tuas mulheres e os

teus filhos mais perfeitos são para mim. A'manhã te mandarei os meus servos, para visitarem a tua casa e a casa de todos os que estão ao teu serviço, para escolherem e levarem tudo o que lhes agradar.»

Achab, consternado, convocou todos os anciãos do povo e lhes disse: «Considerae e vêde que taes são as pretenções do rei da Syria. Não se contenta com me pedir as minhas mulheres, os meus filhos, a minha prata e o meu ouro, mas tambem quer tirar o que é vosso.» Os anciãos e o povo reclamaram contra uma proposta tão insultante, e Achab respondeu a Benadab que de boa vontade lhe entregaria o que lhe pertencia, mas que não podia dispôr do que pertencia aos seus vassallos.

Esta resposta pusillanime só serviu para irritar o orgulho e a cubiça do rei da Syria. Jurou por tudo o que lhe era mais caro que havia de tratar a Samaria com extremo rigor, e que não lhe havia de deixar pedra sobre pedra. Achab respondeu com uma certa altivez aos embaixadores que lhe participavam esta resolução: «Dizei a vosso amo que não é quando tomamos as armas para combater que nos devemos ufanar, e que só o podemos fazer quando as largamos depois da victoria.»

Apezar d'esta firmeza de linguagem o rei d'Israel não deixava d'estar profundamente desassocegado. Via a sua capital investida por uma innumeravel nuvem d'inimigos, e não sabia como escapar a este perigo. Um propheta veio ter com elle e disse-lhe em nome do Senhor: «Vês esse immenso exercito? pois eu t'o entregarei hoje nas mãos, para que tu saibas que eu é que sou o verdadeiro Deus.»

Achab perguntou-lhe: «Por quem será operado esse prodigio e quem é que ha de começar o combate? — Ha de ser, respondeu o propheta, pelos servos dos governadores das provincias, e tu é que has de estar á frente d'elles para commandar o ataque.»

Passou pois revista aos taes servos e encontrou duzentos e trinta e dois. Depois passou revista ao povo e escolheu sete mil homens dos mais valentes. Saiu da cidade com esta gente escolhida em direcção ao sul, enquanto Benadab estava na sua tenda bebendo e comendo com os trinta e dois reis seus alliados.

Como os servos vinham na frente das tropas d'Israel e eram em pequeno numero, não se soube ao principio o que aquella gente queria, se traziam proposito de combater ou se simplesmente vinham fazer propostas de paz da parte dos sitiados. Foram prevenir d'isto Benadab, que não ligando grande importancia ao facto, respondeu apenas: «Quer venham para ajustar pa-

zes, quer para combater, prendam-n'os e tragam-n'os vivos.»

Mas quando os servos mataram todos os que se chegaram a elles para lhes deitar a mão e os Syrios viram que atraz d'estes poucos homens vinha todo o exercito d'Israel, o panico tornou-se geral. Os Syrios pozeram-se em debandada e Israel foi em sua perseguição. Benadab montou a cavallo e fugiu com todos os cavalleiros que o escoltavam. Os Israelitas que tinham ficado em Samaria saíram então, mataram os cavallos, voltaram os carros, e dando nos Syrios, fizeram n'elles grande destroço.

*

* *

Santo André Avelino, confessor

(Vid. pag. 265)

Santo André Avelino, confessor, o mais perfeito modelo do clero secular e regular, um dos mais brilhantes ornamentos do seu seculo, nasceu no anno de 1521 em Castronovo, povoação da provincia da Basilicata, a antiga Lucania, no reino de Napoles, a quem no baptismo pozeram o nome de Lancelote. Seus paes foram João Avelino e Margarida. Aquella familia tão distincta pelo sangue como por uma notoria piedade, offereceu á Santissima Virgem este fructo logo ao nascer, e applicou-se com o maior esmero a dar-lhe uma educação christã; mas sua indole excellente, sua propensão para o bem, facilitaram acima de todas as esperanças os bons desejos dos piedosos paes.

Logo que attingiu os annos, proprios para o estudo, enviaram-no seus paes a Sena, terra proxima da sua naturalidade, afim de se applicar ao latim.

André Avelino fez a Deus voto de perpetua castidade, voto que cumpriu ajudado da divina graça.

Advogado distincto, defendia certo dia um sacerdote seu intimo amigo; no calor da defeza e na vehemencia do seu discurso, escapou-lhe irreflectidamente uma mentira officiosa. Pois a sua consciencia insurgiu-se como severo juiz contra o prevaricador, espertando com aquelle oraculo da santa Escripura que diz que a bocca que mente dá a morte á alma; forçou-o a confessar arrependido sua culpa, a abandonar o foro, e a tomar a generosa resolução de se consagrar a Deus de um modo especial. Nas mãos do seu director fez votos como os seguintes: «Recusar sempre e em tudo a vontade propria;» «e adquirir todos os dias um grau de perfeição.»

Regia por aquelle tempo o arcebispo de Napoles na qualidade de vi-

gario geral Mons. Scipião Rebiba; sentia elle a relaxação que se tinha introduzido no mosteiro de beneditinas de S. Miguel de Napoles; pareceu-lhe que o melhor reformador que poderia encontrar era o nosso santo. Lançou pois mão d'elle e confiou-lhe esta delicada commissão. Cumpriu-a religiosamente; o fructo foi sensível, muito embora não fosse universal. De facto uma religiosa ainda moça, estava cegamente apaixonada por certo joven, que sentindo-se contrariado pelo reformador nos seus affectos, concebeu o estouvado pensamento de o mandar assassinar: o golpe foi vibrado, mas felizmente não lhe poz a vida em perigo. Perseguido pelas justias, André, logo que convalesceu, poz-se em movimento para salvar o auctor do attentado, e arrancal-o ás garras da lei; e se o conseguiu quanto ás auctoridades humanas, não isentou dos castigos divinos executor e mandante, que morreram pouco depois miseravelmente. O mesmo vigario geral, quando passou a ser geral de Pisa, quiz premiar os meritos do santo, promovendo a sua elevação ao episcopado; mas André não só não acceitou, mas vendeu os habitos prelatícios que já lhe tinham enviado, para com o seu producto alliviar as necessidades dos pobres.

Emfim para acabar de romper de vez com o mundo, pensou recolher ao claustro.

Entre os varios e amenissimos jardins da Egreja, sorriu-lhe de preferencia o instituto admiravel, que acabava de estabelecer S. Caetano, fundador dos frades da divina Providencia. Conservar a pureza da fé, manter o culto de religioso em todo o seu decoro, espertar o fervor e o amor da pobreza no clero e reformar os costumes do povo christão, eram outros tantos objectivos da nova familia, cujo nascimento festejava toda a Egreja. Assim vestiu o habito d'esta ordem na vigilia da Assumpção no anno de 1556 aos 36 de sua idade, e 32 do estabelecimento dos theatinos.

Puzeram-n'o logo em lugar mais elevado, como candelabro que devia illuminar a casa inteira; mas a prelazia do mosteiro de S. Paulo de Napoles fez vêr quanto adorna a virtude os logares do mando e quanto estes ganham em efficacia, consultando-se com a virtude. Simples, modesto, affavel, mais parecia um irmão primogenito, encarregado do governo da casa, com os sentimentos de egualdade e de extrema protecção, do que superior, armado de poderes tão largos sobre a vontade de seus subditos, como os que conferem os institutos religiosos.

Fundára por esta occasião um convento de theatinos em sua diocese o

grande S. Carlos Borromeu. A ordem deputou para elle na qualidade de vigario o nosso santo. Foi indizível o regosijo que por isto experimentou o santo arcebispo, que no dia da chegada de André a Milão, o foi esperar fóra das portas da cidade.

Acabada sua visita, foi nomeado proposito da casa theatina de Milão, tendo novo ensejo de unir seus esforços aos do santo Cardeal Borromeu para juntos levarem por deante a obra da salvação das almas. Nesta cidade teve a dita de vêr a Jesus Christo que lhe appareceu animando-o a proseguir em suas louvaveis empezas.

Cargos semelhantes exerceu em Placencia e em Napoles; ainda foi nomeado outra vez visitador, contrariando-o estes officios no desejo de viver na humildade dos subditos; quanto ao recolhimento interior foi sempre inalteravel em meio de tantas occupações. Isto mesmo reconhece o breve apostolico de sua canonização, dizendo que seu espirito andava sempre transportado em Deus, de sorte que é permitido suppôr que orava continuamente. Esta fixidez de espirito merecia-a bem por seu jejum perpetuo, sua abstinencia, consistindo em hervas todo o seu sustento; sua cama dura, sangrentas disciplinas, com que sujeitava seu corpo ao jugo da razão, ou como se expressa o dito breve: «com a espada da mortificação se fez victima sagrada da penitencia, offerecendo-se a si mesmo em sacrificio ao Senhor.»

Quiz Deus depural-o com graves enfermidades e agudissimas dôres; uma d'ellas que o torturou durante quatro annos aggravou-se-lhe com os antigos temores ácerca de sua salvação; tendo-lhe porém apparecido seus dois maiores advogados Santo Agostinho e S. Thomaz d'Aquino, perguntou-lhes: «Sanctos meus, que novas me trazeis do meu Salvador? haverá no paraizo logar para este miseravel peccador?» Tendo-lhe respondido os santos de fórma a ficar socegado, acabou esta provação.

Finalmente certo do dia da sua morte que prophetizou claramente, chegou o dia 10 de novembro de 1608, em que o santo attingia os oitenta de sua idade; e não obstante sentir-se enfraquecido, sahio do quarto para ir celebrar a santa missa, afim de se preparar com este reforço para a viagem d'onde se não torna. Em vão forcejaram por dissuadil-o quantos conheciam o seu estado de fraqueza, porque quanto mais se lhe avisinhava o fim, tanto mais desejava unir-se com o principio. Chegou com muito custo ao altar de S. José; ao começar o introito, foi accommettido de um insulto apopleptico, cahindo nos braços do que lhe ajudava á missa.

Transportado ao seu aposento, pôde ainda receber os santos sacramentos, entregando depois de uma breve agonia sua alma nas mãos do Creador no dia supra indicado. Esteve tres dias seu cadaver exposto para satisfazer a devoção dos fieis, passados os quaes lhe deram sepultura atraz do altar mór, d'onde mais tarde foi trasladado para o dito altar de S. José.

A multidão de milagres, que o Senhor obrou por intercessão d'este seu servo, moveu a piedade dos religiosos theatinos, de varios povos, principes e soberanos, designadamente dos reis Philippe III de Hespanha e Luiz XIII de França, a solicitarem da sede apostolica um juizo sobre sua santidade. Dos processos resultou plenamente justificado o heroismo de suas virtudes e a authenticidade de seus milagres, pelo que o Papa Urbano VIII o declarou Beato, e Clemente XI a 22 de maio de 1712, em presença de trinta e dois Cardeaes, cincoenta e sete patriarchas, arcebispos e bispos o inseriu no catalogo dos santos com S. Pio V, S. Felix de Cantalicio, e Santa Catharina de Bolonha.

SECÇÃO NECROLOGICA



Ainda que já um pouco tarde, sabemos que falleceu, em agosto do corrente anno, o nosso estimado assignante, o ex.^o snr. Antonio de Brito Lyra Prego, da casa da Vallinha, do concelho de Monsã. A' sua ex.^{ma} viuva, a snr.^a D. Miquelina Maria d'Assumpção Lyra, endereçamos a expressão do nosso sentimento, e pedimos aos leitores d'esta folha um P. N. pela alma do sobredito finado.

*
Tambem só agora nos informam de que o rev.^{mo} snr. Padre Manuel Joaquim Pereira de Carvalho falleceu no dia 7 de setembro ultimo.

O finado era um sacerdote digno.

Aos nossos leitores pedimos um P. N. e A. M. pela alma do finado.

RETROSPECTO

A credice popular

Referem de Penafiel: — Deu-se ultimamente um caso fatal de credice. Estava doente de uma lesão cardiaca,

e tratado por dois habéis médicos, um proprietario abastado, de uma das freguezias d'este concelho. Ha dias foi chamada, ás escondidas dos médicos, uma *feiticeira*, tambem de uma das freguezias do concelho, que prescreveu abstenção absoluta de bebidas durante 17 dias.

Apesar da sêde enorme que devorava o doente, apesar dos médicos lhe permittirem que bebesse, as ordens da mulherzinha de *virtude* cumpriram-se religiosamente; mas, ao fim de 12 dias, o desgraçado estava doido!»

O que o correspondente não diz é as providencias que a auctoridade adoptou sobre este caso. Provavelmente a mulher é presa dous ou tres dias e, findos elles, volta para casa a commetter as mesmas proezas, enquanto houver papalvos que acreditem nas suas *virtudes*.

Livro repugnante

O filho do rei excommungado conquistou um novo titulo para a animadversão dos catholicos.

Um fanatico inglez chamado Primer, escreveu um livreco indecente, cheio de horrores contra as religiosas catholicas. O *Liverpool Daily Post*, diario protestante, declarou que o mencionado livro «era a peor publicação», indigna da critica d'um jornal. Primer enviou um exemplar da sua obra á rainha Victoria, que lh'o devolveu indignada.

O rei da revolução italiana, em compensação, consolou o escriptor inglez no desprezo que mereceu dos proprios protestantes e da gente seria, encarregando o seu representante em Londres de agradecer a Pimmer a dedicatória do seu livro infame. O representante do rei Humberto apressou-se a cumprir a missão do seu soberano e escreveu uma carta ao auctor do livro, transmittindo-lhe os cumprimentos do rei de Saboya.

Este amigavel consorcio entre os despojadores da Igreja e os calumniadores das religiosas é muito natural; mas o rei vencido de Menelik deveria ao menos ter o pudor e a habilidade de não o descobrir.

Conversão de Frederico Ozanam

Frederico Ozanam, um dos sete jovens fundadores das Conferencias de S. Vicente de Paulo, instituição que tem produzido tão bellos fructos á causa catholica, chegou a Paris, se não incredulo, ao menos n'esse estado de animo que o Padre Gratry chamava a *crise* da fé.

Um dia o nosso joven entrou n'uma igreja na qual estava um ancião, que, ajoelhado junto da capella mór, resava devotamente o Rosario. Levado pela

curiosidade aproximou-se do velho, em quem reconheceu Ampère, o illustre inventor do electro-magnetismo, uma das maiores glorias scientificas da França, e de quem era grande admirador. Ao reconhecê-lo sentiu tão profunda commoção que, caíndo de joelhos, derramou abundantes lagrimas, e uma fervorosa prece sahiu de seus labios. Era a victoria da fé e do amor de Deus.

Recordando o factio, Ozanam comprazia-se em dizer: «O rosario de Ampère conseguiu mais de mim que todos os livros e sermões.»

Regosijo maçónico

Um jornal hespanhol publicou varias felicitações que de diferentes lojas maçonicas recebeu o snr. Sagasta ao tomar conta do governo de Hespanha no anno de 1881.

Todas ellas são eloquentes, e em todas se manifesta a alegria e esperanza dos maçons, vendo o snr. Sagasta dirigir os destinos do paiz.

Reproduziremos, por a acharmos de grande oportunidade, a que recebeu da ilha de Cuba, e que diz:

«A Grande Delegação do Supremo Conselho do 33.º de Hespanha na ilha de Cuba, formada pelos Ir.º José Maria Beranger, Luiz Canovas, gr.º 33 — Mariano de Usera, gr.º 33, e José Ortega, gr.º 33.

«...Dia de ventura devia ter sido este incontestavelmente, para todos os hespanhóes e para aquelles que no fundo da sua alma levantam um altar aos principios da verdadeira liberdade e aos sublimes preceitos maçonicos. Se o paiz espera muito de vós, os maçons *aguardam tudo*.»

Pobre Hespanha!

Os gregos e a unidade catholica

São animadoras as noticias que a Sagrada Congregação da Propaganda recebe do Oriente. Grande numero de gregos voltam á unidade catholica. Em Rufoir, 24 familias abraçaram fervorosamente a fé. Todo o povo de Blath recusou o ministerio do pope scismatico que queria celebrar a missa, reclamando em troca com instancia a admissão no seio da Igreja catholica.

A'cerca da diocese de Paneas, conta-se seguinte anecdota:

Achando-se Mons. Geraigny em Roma, obteve uma audiencia na qual Sua Santidade lhe disse: — Quando entraste para a tua vasta diocese encontraste só 300 catholicos; faze por deixar, ao morrer, sómente 300 scismaticos. São estes os meus desejos.

Novo religioso

Um redactor do *Petit Journal*, de Paris, acaba de entrar n'um convento. Ha tres annos o novo religioso assis-

tiu á inauguração do caminho de ferro de Jaffa, em Jerusalem, em serviço d'aquelle jornal. Regressou completamente transformado e andava sempre pensativo; um dia disse a um amigo:

— Tenho trinta e nove annos e a consciencia de os ter empregado inutilmente; quero consagrar a Deus e aos meus semelhantes o resto da minha vida. Fiz exercicios na Trappa e não pude entrar para os dominicos por causa da idade; dentro de duas horas entro para os Assumpcionistas e despojado de tudo o que é mundano serei simples noviço no convento de Livry-sur-Seine.»

Funeraes d'uma Irmã da Caridade

A snr.ª Joanna Galaud, em religião Irmã Luiza do SS. Sacramento, falleceu em Tananarive, na idade de 23 annos; estava em Majunga quando desembarcaram as tropas do corpo expedicionario, de cujos doentes e feridos tratou com tal carinho que causou admiração a todos.

Os seus funeraes foram celebrados na cathedral de Tananarive, a 13 de setembro.

Um grande numero de officiaes, de funcionarios e de colonos acompanharam o cadaver á sua ultima morada.

A França é um dos paizes que mais persegue as benemeritas Irmãs da Caridade, mas tambem é um dos primeiros a reconhecer e a galardoar a sua abnegação e valiosissimos serviços.

A Irmã da Caridade

Não ha muitos annos gemia no leito da dôr um homem enfermo, proximo a morrer, e apesar d'isto, obstinado em esquecer a Deus, blasphemar da sua justiça e negar a sua misericordia.

Ninguem podia chegar á sua beira que não ouvisse as mais terriveis imprecações, ou não se expozesse ás consequencias da sua impotente colera. As suas violentas dôres desorientavam-o e não tinha a santa resignação do christão para as soffrer.

Os médicos receitaram-lhe um calmante; mas o infeliz, exasperado pela inefficacia dos anteriores remedios, negava-se obstinadamente a tomal-o, chegando ao auge do furor quando vinham offerecer lh'ó.

Os que o rodeavam afastaram-se, cansados já da inutilidade de seus esforços.

Mas se todos o abandonavam, o anjo da paciencia, a Irmã da Caridade, ainda alli estava.

Com o olhar supplicante e a petição nos labios aproximou-se do desgraçado, offerecendo-lhe com mão amorosa aquella poção salvadora.

Uma horripilante blasphemia e uma cruel ameaça foi a resposta que obteve.

Sem duvida ella insistiu.

Mas aquelle homem era um impio; estava desesperado, e repelliu furiosamente o remedio que se lhe offerencia, ameaçando de novo a indefesa enfermeira.

Pela segunda vez a Irmã se chega áquelle leito, e mais uma vez rogou e supplicou, offerecendo ao enfermo a chavena que continha novo remedio.

A sua voz era meiga, as suas palavras persuasivas, o seu olhar cheio de unção e de piedade.

—Em nome de Deus, lhe disse, beba.

E estendeu o braço para levantar aquella cabeça, com um ademan suave e terno como o de uma mãe amorosa.

Então aquelle homem ergueu-se rigidamente e irado; os seus olhos estavam injectados, os seus dentes rangiam; e na expansão do seu furor, pegou de novo na chavena e lançou-a, não longe de si, como a primeira vez, mas á casta frente da religiosa.

O liquido cegou por alguns momentos aquelles olhos e inundou aquelle angelico semblante, produzindo a pancada uma ferida profunda; mas nem uma queixa, nem uma exprobação sahio dos seus labios: só uma lagrima triste e dolorosa se viu rolar pelas suas faces.

Enxugou lentamente o rosto e permaneceu no seu posto limpando depois com o seu lenço a frente e as mãos do enfermo, salpicadas e molhadas tambem, com uma sollicitude e carinho sem igual.

Ao vêr aquelle sangue, ao vêr aquella gotta de pranto, o iracundo enfermo sentiu-se envergonhado de si mesmo: uma coisa extranha passou pela sua vista e o seu coração experimentou um desusado sentimento.

Passadas as primeiras impressões, a benemerita filha de S. Vicente de Paulo fez um leve movimento para afastar-se e o desgraçado perguntou-lhe logo com voz sombria e confusa:

—Vae-se embora?

—Creio que já lhe passou o agastamento, e porisso...

—E porisso? disse admirado aquelle homem vendo o dulcissimo sorriso com que a Irmã acompanhou estas palavras.

—Não se recusará a tomar essa bebida que lhe restituirá a saude.

—E... trazel-a-ha outra vez? perguntou com commoção e assombro.

—E outras mil vezes se fôr preciso.

—Mas esse sangue?

—Daria todo elle para alliviar o seu mal, disse a Irmã com uma voz tão sentida e doce que fez estremecer a ultima fibra d'aquelle agitado coração.

Então, como as puras aguas d'uma impetuosa torrente, occultas e contidas por uma porção de grosseira terra, saltam e desbordam quando uma mão habil quebra de um só golpe o seu forte dique, assim o manancial do pranto, estancado n'aquella alma por tantos e tantos annos, brotou caudaloso, devolvendo-lhe a esquecida fé e a perdida esperanza.

—Creio em Deus! gritou aquelle homem no excesso da sua commoção, com voz angustiosa; creio em Deus, nos santos e nos anjos, porque vós sois um d'elles! Sim, ha um céo; d'alli vindes vós, porque na terra não sabemos fazer estas coisas; ha uma eternidade, porque é preciso que a haja para premiar tanta virtude. Oh! não me deixeis, não me deixeis por Deus, ensinae-me a esperar, já que me haveis ensinado a crêr!

Estas palavras eram dictadas por um sentimento real e sincero, porque uma hora depois, e cedendo aos desejos do arrependido peccador, Jesus sacramentado descia ao seu peito, purificado já pelo arrependimento e pela contricção.

O que não poderam fazer os mais sabios conselhos, as mais severas exhortações, conseguiu-o uma só lagrima e uma só humilde gotta de sangue.

Deus quiz coroar a obra levada a cabo pela caridade, e devolveu a saude ao enfermo, que já a invocava esperando na sua bondade. Hoje vive ainda, mas em vez de duvidar, espera; ora em vez de blasphemar; a sua miseria é menos insoffrivel e as suas dôres mais toleraveis, porque a oração e a esperanza são a maior consolação.

O que custa á França a camara dos deputados

Por occasião da reabertura das camaras de França, os jornaes d'aquella republica lembraram o que custam os deputados ao paiz.

A importancia é consideravel, pois é nada menos de 7:800:000 francos ou sejam 1:414 contos de réis!

Se Portugal dispendesse esta somma com os seus deputados, como a França, que celeuma não levantariam os nossos republicanotes!

Tres doces sorrisos

Um pobre valetudinario, carregado de annos e de enfermidades, vendo approximar-se o seu fim, reuniu a familia e alguns amigos para recolherem seu ultimo suspiro. A resignação e a paz transpareciam no seu semblante; seus olhos estavam fechados. Ter-se-ia acreditado que dormia socegradamente, senão fosse um doce sorriso que passou tres vezes por seus labios entreabertos. No meio do sentimento geral, um de seus filhos

perguntou-lhe que motivo o tornava radiante de alegria e o fizera sorrir tres vezes. A' primeira vez, respondeu o velho com voz desfallecida, estive pensando nos prazeres fugitivos d'este mundo, e não pude deixar de sorrir da demencia dos homens que os procuram com tanto ardor e constancia. A' segunda vez, lembrei-me dos desgostos que tive durante a minha vida, e me alegrei persuadido que vou trocal-os pela eterna bemaventurança. A' terceira vez emfim, reflectia sobre a morte que assusta aos homens, e sorri-me á vista do meu bom anjo, que estendia suas azas brilhantes para transportar a minha alma ante o throno de Deus. Pronunciando estas ultimas palavras, o santo velho expirou. Que bella morte! Que suave pensamento! exclamou um dos assistentes. Tomemos por exemplo este admiravel christão, accrescentou o venerando vigario, cujas lagrimas se misturavam com as dos espectadores, e teremos, como elle, a felicidade de morrer com o sorriso nos labios.

Contra a blasphemia

Em Tarragona vae fundar-se uma nova associação catholica dedicada a combater o asqueroso vicio da blasphemia.

O iniciador de tão piedosa obra, que se denominará «Liga contra a blasphemia», é o Prelado d'aquella archidiocese.

A Liga compor-se-ha de socios activos e cooperadores.

A' sua frente haverá uma commissão administrativa presidida pelo snr. Arcebispo ou um delegado seu, a qual se reunirá mensalmente para resolver meios que, segundo as circumstancias, sejam conducentes aos fins da sociedade.

Era o que no Porto se precisava tambem estabelecer: uma liga contra a blasphemia.

Ha occasiões em que não se pôde andar pelas ruas sem se córar por causa das obscenidades que se ouvem.

A policia é impotente para cobibir estes escandalos, pois muitas vezes faz vista grossa.

O conflicto religioso em Italia

Em Italia vae-se aggravando o conflicto entre o governo e os catholicos.

Os chefes das associações clericas continuam enviando extensos e energicos protestos, que os jornaes discutem augmentando a exaltação dos animos.

Os catholicos pedem n'esses documentos a liberdade de reunião, e são apoiados por parte da imprensa.

Do Vaticano foram communicadas instrucções aos Bispos para que organisem procissões solemnes e procurem demonstrar que a maioria do povo italiano está do lado dos catholicos.